

A BATALHA DOS ELEFANTES EM BET-ZACARIA À LUZ DAS INFORMAÇÕES DOS AUTORES ANTIGOS — 1 Mac 6,28-47; 2 Mac 13,1-2.

9-17

Notas Suplementares (1)

Pe. J. Balduino Kipper, S.J.

São Leopoldo

Quando o meu manuscrito já estava na tipografia (ver *Perspectiva Teológica*, Nº 18, p. 171, fim), vieram às minhas mãos três livros que tratam diversos aspetos do mesmo tema; são os seguintes:

— H. H. SCULLARD, *The Elephant in the Greek and Roman World*. Cambridge 1974, 288 pgs. com ilustrações.

— B. BAR-KOCHVA, *The Seleucid Army. Organization and Tactics in the Great Campaigns*. Cambridge 1976, 306 pgs. com mapas e esboços das batalhas.

-- PHILOSTRATUS, *The Life of Apollonius of Tyana etc. I. II*. Translated by F. C. Conybeare (Loeb Classical Library 16 e 17). London 1912...1969, com texto grego.

Em vista destes novos recursos revisei o meu trabalho, acrescentando algumas correções e suplementos. Indicarei as páginas do trabalho publicado em PT e citarei os três livros acima indicados com os nomes dos autores e páginas relativas.

P. 144, alínea 2: ... até os tempos do imperador Juliano: ver adiante a informação suplementar sobre o uso dos elefantes de guerra pelos persas.

P. 145, alínea 1: **batalha de Paretacena**: acrescente-se que na batalha subsequente de **Gabierna**, na Elimaida, no princípio de 316 a.C., Antígono tinha 65 elefantes e Êumenes 114 (Scullard, p. 90 e 91, citando Diodoro 19, 40-44).

1) *Perspectiva Teológica* 9, nº 18, 1977, p. 143-171.

P. 145, alínea 3: A “batalha dos elefantes” contra os gálatas segundo Bar-Kochva se travou no ano 272 ou mais provavelmente: “depois de abril de 273 a.C.” (p. 240, nota 85).

P. 147, alínea 1: depois da alínea sobre os cartagineses acrescenta-se o que segue: Ao cabo de vários séculos de recesso, os sassânidas da Pérsia voltaram a empregar os elefantes nas suas quase intermináveis guerras com os romanos, armênios e imperadores bizantinos, isto a partir mais ou menos do ano 230 d.C. até o século 7º, sobretudo nos reinados de Shapur ou Sapor I e II e Cósroas I e II. Na retirada desastrosa de Juliano Apóstata que culminaria na sua morte (363 a.C.), os elefantes desempenharam um papel importante (Scullard, p. 203-204, baseado em Amiano Marcelino que pessoalmente tomou parte nestas lutas e na retirada com todos os seus horrores).

Numa vista global destes dez séculos de uso dos elefantes nas guerras pode-se dizer com Scullard: “O terror era a arma principal e este efeito permeia, qual fio vermelho, toda a história da guerra com elefantes, terror incutido em homens e cavalos; os elefantes eram especialmente úteis com homens que os enfrentavam pela primeira vez, e com cavalos não adestrados para este encontro” (p. 247). Já o tinha dito o escritor militar Vegécio (séc. 4º d.C.): *elefanti in proeliis magnitudine corporum, barritus horrore, formae ipsius novitate homines equosque conturbant* (Scullard, p. 250). Os ecos do terror que os elefantes persas inspiravam aos homens e cavalos nos longínquos campos de batalha do Oriente, nós os encontramos no próprio bispo S. Ambrósio pelo fim do mesmo séc. 4º, no *Hexaemeron* 6,5,33 (PL 14,254, edição de 1845), como nota Scullard (p. 205 e nota 148 no fim).

De resto ainda Fernão Mendes Pinto, em pleno séc. 16, fala do emprego de elefantes nas guerras na Indonésia (ver adiante).

P. 151, nota 15 no fim: Bar-Kochva trata desta batalha nas pgs. 174-183, dando um mapa topográfico à p. 178. Como data põe o ano 162 (p. 174).

P. 154, alínea 2: 3.3 O número de homens nos intervalos entre os elefantes. Mil homens armados e quinhentos cavaleiros para cada elefante parecem números muito elevados. Scullard compara a batalha de Gaza (312 a.C.), onde Demétrio colocou 1500 homens entre 30 elefantes, o que daria 50 por animal (p. 95 e 246). Também Bar-Kochva dá 50 homens como número normal, citando em abono, além da batalha de Gaza, também as de Magnésia (190 a.C.) e Rafia (217 a.C.); nesta teria havido uns 40 (p. 82). Mas Bar-Kochva mantém a fidelidade substancial das cifras de 1 Mac 6 para as forças de Lísias (p. 181); elas poderiam ser explicadas pela natureza

acidentada do lugar da batalha e pelo número elevado de judeus armados à ligeira (p. 82/83).

P. 155, alínea 2 no fim: Coisa semelhante se deu na batalha subsequente de Gabiena, no princípio do ano 316 a.C., entre os mesmos generais, a qual terminou com a derrota e execução de Eúmenes (Scullard p. 90-94).

P. 157, alínea 5: acrescentar: **A origem histórica das torres.** Baseando-se em estudos recentes, Scullard afirma que estas torres nas costas dos elefantes de guerra não foram usadas antes do ano 300 a.C. Apenas a partir das campanhas de Pirro no Ocidente temos informações certas do seu emprego e bem pode ser que o próprio Pirro ou os seus engenheiros as tenham inventado. Portanto o seu uso remonta ao ano 280 e seguintes (p. 240-245).

P. 157/58. **Representações de elefantes com torres.** Além das já mencionadas no texto, ainda se podem citar:

1. **A bandeja pintada**, originária de Capena na Campânia, Itália, e conservada no Museu da Villa Giulia, em Roma; no centro aparece um elefante carregando uma torre; sendo do séc. 3º a.C., quase certamente representa um dos elefantes de Pirro (Scullard, Plate VIIª, p. 32/33 e 241.244).

2. **Uma terracota de Pompei**, conservada no Museu de Nápoles, mostra um elefante africano com torre, montado por um cornaca negro; provavelmente representa um dos elefantes de Aníbal (Scullard, Pl. Xª e p. 244).

3. Outra representação duma torre num elefante aparece num **peso de tear de terracota**, encontrada em Azaila, perto de Numância, na Espanha (Scullard, p. 190 e 191 e fig. 18).

4. **Moedas**: Uma moeda minúscula da Campânia, Itália, e outra do rei Juba II; ambas se encontram no Museu Britânico (Scullard, Pl. XXII h e XXIII j).

P. 158, alínea 3. **Sobrevivência das torres.** A título de curiosidade menciono aqui uma passagem de **Fernão Mendes Pinto**, Peregrinação, lembrada por Scullard (p. 240): "200 elefantes armados com torres e panoures bélicas que são certo gênero de espadas que são presas aos dentes deles, quando combatem". Logo nada mais nada menos que elefantes de guerra no século 16! Mas é Mendes Pinto que fala, escritor de realismo impressionante e, da mais transbordante fantasia (D. Maurício, Encicl. Verbo 15,131), conhecido pelo trocadilho: "Fernão, Mentos? Minto!" Não consegui localizar a passagem na obra original. Mas o certo é que este escritor e soldado menciona os elefantes ou "alifantes", como ele grafa, entre os recursos militares de alguns reis indonésios, juntamente com soldados e armas de fogo (!): O rei bata (ou bataque) partiu para o Achém "e levava em

sua companhia quinze mil homens e **quarenta alifantes**, e doze carretas de artilharia miúda de falcões e berços" (Peregrinação c.16; na edição de A. J. Saraiva (Coleção de Clássicos Sá da Costa), vol. I, Lisboa 1961, p. 53). — O rei de Aaru (ou Aru) contou a F. Mendes Pinto "que tinha quarenta espingardas, e vinte e seis **alifantes**, e cinqüenta de cavalo para guardarem a terra" junto com outros parcos recursos contra o inimigo invasor (op. cit. c. 22 pelo meio; p. 79-80 da edição citada).

P. 162, alínea 4 no fim: Número de combatentes nas torres. Além de Eliano e Plínio também Estrabão 15,1,52 (709) dá três combantentes; Em passagem derivada de Megástenes (300 a.C.) informa que os elefantes de guerra da Índia carregam quatro homens, a saber o cornaca e três frecheiros (Scullard, p. 55 e 241). Mas note-se que Estrabão (Megástenes) não fala expressamente em torres que abriguem os frecheiros! — Quando Wellmann, no verbete Elefant no P-W cita a este propósito Estrabão 15,109, esta referência não vem ao caso (ver nota 31): deve ser 15,709.

Resumindo: O número de quatro combatentes, atestado por T. Lívio através de Políbio, é o que mais faz ao nosso caso: é o testemunho dum historiador, a respeito dum exército seleucida, 30 anos antes da batalha de Bet-Zacaria, travada também elà por um exército seleucida.

P. 165, alínea 1. A propósito dos três a seis homens da Enciclopédia Espasa (19, 702) se pode citar Heliodoro (séc. 3º d.C.); no seu romance *Aethiopica* 9,18 conta que na batalha de Syene (hoje Assuan, S do Egito) o rei Hidaspes e seus etiópios empregaram contra os persas também elefantes com torres, em cada uma das quais se achavam seis homens arremessando as suas armas na frente e nos dois lados (Scullard, p. 232). Mas o fato de esta referência se encontrar num romance e todo o contexto próximo não favorecem a exatidão histórica deste número seis.

P. 165, alínea 4: **feridas curadas com suco de aloé**. Filóstrato diz que Apolônio tirou isto de Juba. Quanto a Arriano, deve ter visto um elefante tocando címbalo no circo (Scullard, p. 57, em ampla citação de Arriano tirada de Megástenes).

Elefantes carregando os pequenos nos dentes

Plutarco conta que, quando Pirro atacou de surpresa a cidade de Argos (ver acima p. 157, alínea 4), o elefante de nome Nicon levantou com a tromba o seu cornaca ferido mortalmente e o colocou sobre os seus dois dentes (Pirro 33 pelo meio; Scullard, p. 118). Também um autor moderno, o coronel inglês Williams refere

que viu na Birmânia uma elefanta levantar do chão a sua novilha (Elefant Bill, 1950, p. 44, citado por Scullard).

P. 166, alínea 3: **Macacos fazendo colheita de pimenta:** a citação exata é Vita Apoll 3,4.

P. 166, alínea 4: **Dragões e caça de dragões:** Vita Apoll 3, 6-8; cf. 2,17).

P. 168, alínea 2: **Minúcio.** Segundo Frontino I, 13,9 o soldado se chamava **Gaius Numicius**, sendo Numicius nome antigo romano e não muito comum nos tempos posteriores (Scullard, p. 109/110). Também é conhecida a façanha do veterano da 5ª legião de César na batalha de Tapso (46 a.C.): quando um elefante ferido estava esmagando debaixo das suas patas um vivandeiro ou mascate, o soldado distraiu a atenção do animal e foi por este levantado no ar com a tromba; mas o veterano foi golpeando com a espada a tromba, até que o animal, forçado pela dor, o deixou cair (Scullard, p. 197 e 247).

Bem mais parecido à façanha de Eleazar é o caso que Fausto de Bizâncio (séc. 5º) conta a propósito das lutas entre o rei Shapur ou Sapor e os armênios nos últimos decênios do séc. 4º d.C.: o general armênio Pacas viu que um elefante possante estava adornado com estandartes reais e pensou que o rei Shapur estivesse montado nele. Ele se precipitou para o animal e lhe cortou os flexores poplíteos, de modo que ele caiu, morrendo os dois (Scullard, p. 204).